

Paulina Chiziane e a situação da mulher moçambicana

Pedro Henrique Tubiana Pereira / 22 de agosto de 2024 / Especial: Leituras do Vestibular



"Vou à casa de banho e passo a mão por baixo de mim mesma. Nem escamas. Nem lulas. Nem tentáculos de polvo. Apenas uma concha quebrada onde o vento passa sem canto nem eco. Uma concha insípida, com sabor de água que nem mata a sede. Por aqui passaram cinco cabeças, três filhos e duas filhas com que me afirmo na história do mundo, mas para o povo do norte sou ainda criança, nunca fiz uma viagem para dentro de mim mesma."

— TRECHO DE NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

Para quem pretende ingressar no universo da moçambicana Paulina Chiziane, a professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) Luana Antunes Costa recomenda: "A gente tem que saber de história da África. A gente não sabe nada, a gente sabe muito pouco, precisa ter essa humildade. A gente precisa entender que essa literatura está escrita em português, mas ela é estrangeira, ela não é daqui".

Sobre o caso específico de *Niketche: Uma história de poligamia*, a professora destaca a importância de entender a história de Moçambique, especificamente a anterior à colonização portuguesa: "O que significava a prática da poligamia nessa região? Por que ela existia? Ela era praticada em quais etnias?".

O mapeamento de uma nação

Na obra, Paulina Chiziane faz uma cartografia de Moçambique através das mulheres com quem Tony, que teve como primeira mulher a protagonista, Rami, vai se relacionando pelo país. "Se a gente for analisar cada personagem, a gente compreende cada etnia, como é a língua, o pensamento das etnias", explica Luana.

A palavra que nomeia o livro, *Niketche*, dá nome também a um ritual realizado pela etnia Macua, do norte do país. Ao contrário de outros territórios do lugar que hoje chamamos de Moçambique, a sociedade Macua é fortemente matriarcal. *Niketche* é um rito de passagem, o momento em que uma menina se torna mulher e aprende sobre o corpo e às artes relacionadas à sexualidade, por exemplo.

A simbologia do rito, de certa forma, acompanha a jornada de Rami. Oriunda de uma sociedade patriarcal, distinta da etnia Macua, a protagonista atravessa o ódio que sente inicialmente pelas outras mulheres de seu marido em busca da construção de alianças e emancipação feminina.

Poligamia e a mulher

Ainda que não seja de Moçambique, a pesquisadora guineense Satumata Malam Sambu Sanhá reconhece muitas similaridades entre a situação da mulher em seu país de origem e o que retrata Paulina Chiziane – a quem chama de grande mãe e sobre quem debruça sua pesquisa – em *Niketche: Uma história de poligamia*.

Satumata chama de "amantismo" a forma como Tony se relaciona com as mulheres no romance, e diferencia essa prática da poligamia tradicional, existente em alguns territórios africanos desde antes da colonização europeia: "A poligamia urbana, que é o amantismo que Tony vai fazer, é bem pior. Na tradição, a mulher e os filhos até são reconhecidos, mas no amantismo que a Paulina vai trazer é bem mais doloroso para a mulher".

Ainda assim, a pesquisadora defende que ambas as formas de relação não são benéficas para a mulher, que já sofria com o regime patriarcal dos árabes mesmo antes da colonização europeia.

"Já existia poligamia antes da chegada dos árabes e dos europeus, mas era muito diferente. A mulher africana, antes dessas invasões, era autônoma. Com a colonização a mulher fica em uma situação muito mais vulnerável"

— Satumata Malam Sambu Sanhá

Tradição oral

Logo no início do romance, Rami se posiciona em frente ao espelho e reflete sobre sua situação enquanto mulher. Momentos como esses se repetem e aparecem com frequência na narrativa. A partir deles, é possível acompanhar os pensamentos e a subjetividade dessa mulher africana.

"O texto que ela constrói é muito impregnado de estratégias de narrativa da oralidade. O texto dela não segue uma linha, é uma outra racionalidade, que tem suas voltas e suas circularidades", explica Simone Schmidt, professora de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A marca da tradição oral na obra de Paulina rendeu à escritora críticas de cinho machista e desvalorização até que, em 2021, ela foi reconhecida pelo maior prêmio literário em língua portuguesa, o Prêmio Camões. Para Simone, Paulina tem "uma estratégia narrativa que surpreende o leitor ocidental, e essa surpresa, na nossa tradição muito preconceituosa com tudo que não é hegemônico, foi interpretada como falta de qualidade [durante determinado tempo]".

Contadora de histórias

Também muito atravessada pela tradição oral, Satumata Malam Sambu Sanhá defende: "Nós temos o ato de contar histórias. Quando começo a contar alguma coisa, narro com detalhe. O ato de contar histórias já vem de berço, o romance só materializa o que já tínhamos".

Ademais, a pesquisadora relembra que Paulina Chiziane diz não ser romancista, e sim contadora de histórias. "É uma estratégia. Ela vai ter a liberdade de escrever do jeito que ela quer e como ela quer. Uma vez que ela não se rotula, ela vai ter uma liberdade, e as pessoas vão ter curiosidade de como essa não romancista consegue publicar e as obras serem aceitas."

A luta da mulher

Em entrevista ao jornal cearense O Povo, Paulina afirmou: "Não me sinto nem feminista nem coisa nenhuma. Eu me sinto uma guerreira". Sobre isso, Luana pontua que a autora "diz que luta junto com as mulheres porque entende que o termo 'feminista' pertence a nós, do Ocidente".

Ainda que não se considere feminista, Paulina Chiziane é uma mulher que desperta a atenção e o interesse das feministas e de todos que a leem. "Ela se dedica a não só relatar, mas a promover uma profunda compreensão das experiências das mulheres", conclui Simone.



Virginia Di Lauro. Entressonho / Retroalimentando a placa mãe para pequenos fôlegos de vida, 2023. Acrílica sobre algodão cru, 101x84 cm.

Especial Leituras Obrigatórias

Com o objetivo de ampliar as experiências de leitura, o JU produz, desde 2018, uma série de reportagens em que especialistas destacam aspectos e fazem análises interpretativas das obras indicadas pela Universidade. Acompanha cada texto a criação de artistas convidados que dialoga com a obra e a biografia de autoras e autores. Veja as reportagens [aqui](#).

Virgínia Di Lauro (Barra do Choça, BA, 1989) é graduanda em Artes Visuais pela UFRGS. Em seu trabalho, utiliza diferentes linguagens e técnicas, como interferências fotográficas, digitais e manuais, pintura, performance, vídeo e a feitura de objetos-coisas-máscaras, entrecruzando realidade-ficção e tendo como fio condutor o corpo e o feminino.

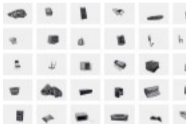
:: Posts relacionados



Livros clássicos mantêm seu legado na literatura contemporânea ao abordar temas universais



Caio Fernando Abreu: a memória viva do escritor de uma geração



A Antropofagia periférica de José Falero



A imortal escrita de Machado de Assis

:: ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 23.09.24



Paridade na consulta para a reitoria, agora adotada na UFRGS, ainda não é consenso entre as universidades federais, aponta mapeamento



Paradesporto propicia melhora na qualidade de vida e auxilia a pessoa com deficiência a projetar o futuro



Da sala de aula às ruas devastadas do Sarandi



Extensão popular para mudar a Universidade!



O futebol das gurias



Carta aos leitores | 12.09.24



Crise climática aponta necessidade de mudanças na produção e no consumo de alimentos



Gabriel Tossi e a busca por conhecimento



Estratégia para enfrentar a desinformação climática